

ARTE E PERIFERIA NA ESCOLA COMO TERRITÓRIO DE CRIAÇÃO

Francisco Efferson Mendes de Moraes Galdino Vieira¹ – UFC

INTRODUÇÃO

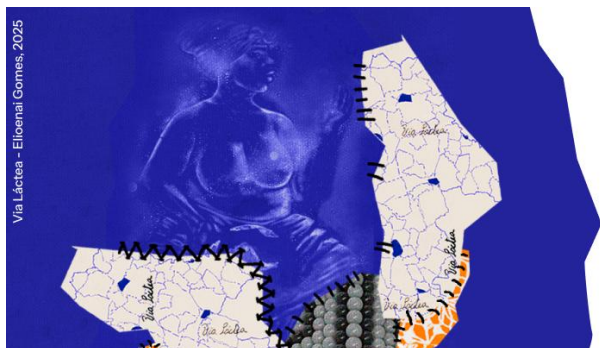
Primeira aula de Arte, primeira pergunta: quem aqui é artista? Silêncio ensurdecedor. Pergunto novamente. Nada. Então pergunto: quem aqui desenha? Quem escreve poesia? Quem canta ou toca um instrumento? Quem faz teatro? As mãos vão se levantando durante as perguntas, algumas em mais de uma vez. Aí, jogo: nesse instante não havia um artista na sala. O que mudou?

O incômodo que me leva à pergunta-título deste trabalho é o silêncio diante da questão “quem aqui é artista?”. A impressão que dá é que a escola que vivi como estudante ainda se mantém a mesma: uma escola que trabalha com a ideia de depositar conceitos, fazer os alunos decorarem para marcar o item correto na prova; que entende o aluno como um ser vazio de saber e, automaticamente, nos coloca, professores, como detentores de todo conhecimento, como Paulo Freire, educador da pedagogia libertadora, nos apontava:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. (Freire, 1994, p.33)

É preciso pensar uma educação que proponha a horizontalidade, a circularidade e que abra espaço para a criatividade. Ninguém chega vazio na escola. Todas pessoas trazem consigo suas vivências, suas experiências e seus saberes. Essa perspectiva quebra a ideia de que o estudante é esse recipiente vazio na espera de ser preenchido pelo educador.

¹ Artista, Arte-educadore, mestrando do ProfArtes pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Licenciado em Teatro pela mesma instituição e Professore Efetivo de Artes na Rede Estadual do Ceará.
E-mail: efftrabalhadordaarte@gmail.com.



Iniciar a aula de Arte com essa pergunta é uma decisão política de quem almeja discutir o direito à arte na escola pública, especialmente na periferia, compreendendo esses espaços não apenas como locais de acesso à arte enquanto público, mas também como espaços de criação e de acesso aos meios de produção. Trata-se de incentivar a narração das próprias histórias e o reconhecimento de si enquanto artista. É nesse simples gesto de reconhecimento, nas reflexões durante as aulas e nas discussões que emergem das criações, que nasce o sentimento de pertença à comunidade, o “eu também posso contribuir aqui”, por meio do qual esse sujeito de direito vai se entendendo como parte integrante do mundo.

Onde nasce o artista? Se a escola é também o lugar que desperta nos sujeitos os primeiros desejos profissionais, seria ela responsável por despertar o artista que mora em nós?

“EDUCAÇÃO | radical vivo que monta, arrebatada e alumbra os seres e as coisas do mundo. Fundamento assentado no corpo, na palavra, na memória e nos atos. Balaio de experiências trançado em afeto, caos, cisma, conflito, beleza, jogo, peleja e festa. Seus fios são tudo aquilo que nos atravessa e toca.” (Rufino, 2021, p.5)

A visão que Luiz Rufino (2021) apresenta sobre educação, no início da obra Vence-Demanda, soma-se à ideia de uma educação que acolhe os corpos com seus saberes, respeita a memória ancestral e é movimento. A escola precisa lembrar que é um lugar vivo, onde também se aprende festejando. Rufino (2021) apresenta a educação como um processo dinâmico, transformador e vivo, uma educação que toca, atravessa, dialoga com as memórias e não se separa do contexto que está inserida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O objetivo geral deste trabalho é estimular produções em diversas linguagens artísticas de modo que as e os estudantes se reconheçam como criadores de arte, questionando o acesso aos meios de produção artística e repensando os métodos avaliativos da disciplina de Arte na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral Santo Afonso, que está vinculada a rede estadual do Ceará, atende a aproximadamente 270



alunos adolescentes, moradores dos bairros Bela Vista, Rodolfo Teófilo, Presidente Kennedy, Parquelândia, Pici, Planalto Pici em Fortaleza.

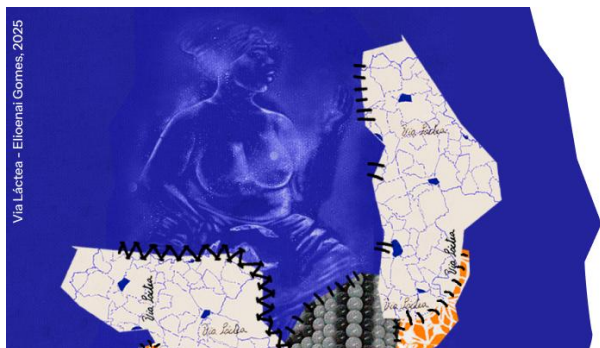
A composição deste trabalho é formada por quatro processos criativos: Tramas e Traps, no qual a criação musical serviu como voz de resistência; Olhos D'água, que aborda a dignidade dos estudantes-artistas refletida na materialidade cênica, dignidade presente tanto no processo criativo quanto na escolha dos materiais, resultando em uma poética da resistência; A Viagem do Silva, que explora o teatro de sombras a partir de materialidades acessíveis; e Costurando Memórias, inspirado na “escrevivência” de Conceição Evaristo, resgatando narrativas e ancestralidades das avós por meio da criação de uma colcha de retalhos.

Optou-se por aprofundar o estudo no processo Costurando Memórias por sua potência simbólica e metodológica: ele sintetiza o diálogo entre arte, memória e identidade, articulando o fazer artístico ao campo da pesquisa social e afetiva. Além disso, foi o processo que mais mobilizou a comunidade escolar, ao envolver famílias e estudantes em um gesto coletivo de criação, revelando o papel da arte como instrumento de escuta, registro e valorização de saberes ancestrais.

Esta pesquisa foi desenvolvida com estudantes do 1º ano B da EEMTI Santo Afonso para a Feira de Ciências da escola, na área de Linguagens e Códigos. A proposta se fundamentou no conceito de “escrevivência”, da escritora Conceição Evaristo, que une escrita e vivência como forma de resistência e registro da memória, especialmente de mulheres negras e marginalizadas.

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas (Evaristo, 2020, p.30)

A metodologia foi construída em parceria com as disciplinas de Artes e Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Prática Social (NTPPS), e dividida em dois momentos principais. Na primeira etapa, os alunos foram convidados a escrever livremente sobre suas avós ou experiências vividas com elas. Na segunda, compartilharam essas memórias oralmente em roda, enquanto costuravam pedaços de tecido, compondo



juntos uma grande colcha de retalhos. A atividade revelou pontos em comum nas histórias, como o afeto, a força, o abandono paterno e a luta diária dessas mulheres.

A escolha da colcha de retalhos como símbolo e método de pesquisa teve um forte valor simbólico: remete à prática comum de muitas avós e representa a união de histórias individuais em uma narrativa coletiva. Assim, o processo costurado com arte e afeto criou um espaço de valorização da experiência como forma legítima de saber.

O trabalho nasceu da constatação de que, historicamente, as mulheres, em especial as mulheres negras, periféricas e idosas, têm suas contribuições invisibilizadas. A proposta buscou trazer à luz essas presenças apagadas da história oficial, registrando suas vozes e rostos em escritos, áudios e memórias compartilhadas, fortalecendo vínculos familiares e comunitários.

Inspirada por Evaristo, a proposta se pergunta: onde estão nossas avós na história oficial? A partir dessa inquietação, foi possível refletir sobre os atravessamentos de raça, classe, gênero e geração, entendendo que a memória dessas mulheres não é apenas pessoal, mas profundamente política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias contadas mostraram que a maioria das avós tem entre 65 e 80 anos, e muitas criaram seus filhos sozinhas, enfrentando abandono, agressões e condições de vida difíceis. Mesmo assim, marcaram profundamente a formação afetiva e cultural dos netos. Além disso, as origens diversas dessas mulheres permitiram relacionar suas trajetórias com a construção do território local, revelando como suas histórias individuais também compõem a história coletiva. Nesse sentido, a "escrevivência" é um instrumento político e pedagógico que permit e resistir ao apagamento e criar registros possíveis, mesmo que fora dos meios oficiais.

O resultado da proposta extrapolou os muros da escola. Durante a apresentação na Feira de Ciências, o público foi convidado a somar retalhos e memórias à colcha, tornando-se também parte da construção coletiva. A relevância da iniciativa foi reconhecida na etapa regional do Ceará Científico, onde o projeto



recebeu o primeiro lugar na área de Linguagens e Códigos. Esse reconhecimento reafirma o valor da arte como pesquisa e da memória como fonte de conhecimento.

Implementado desde 2007 nas escolas públicas do Ceará, o Ceará Científico busca popularizar as ciências, promover a inovação e integrar o conhecimento ao cotidiano escolar. Os projetos, desenvolvidos por estudantes com orientação docente, relacionam conteúdos curriculares a questões sociais, culturais e ambientais, valorizando a interdisciplinaridade e a sustentabilidade.

A vitória na etapa regional desse evento foi significativa pelo que simboliza: a quebra da separação entre arte e ciência, o fortalecimento da autoestima dos estudantes e a validação de suas histórias. Mostrou-se que é possível, sim, fazer ciência com sensibilidade, poesia, afeto e ancestralidade.

Ao final, o projeto “Costurando Memórias” se firma como um ato de resistência, de registro e de afeto. Um gesto político, poético e educacional que transforma o chão da escola em um território de criação.

PALAVRAS-CHAVE: Arte-Educação. Território. Escrivência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

EVARISTO, Conceição. **A Escrivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância L.; NUNES, Isabela R. (org.). *Escrivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, 1ª edição, Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23. reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda: Educação e Descolonização**. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.